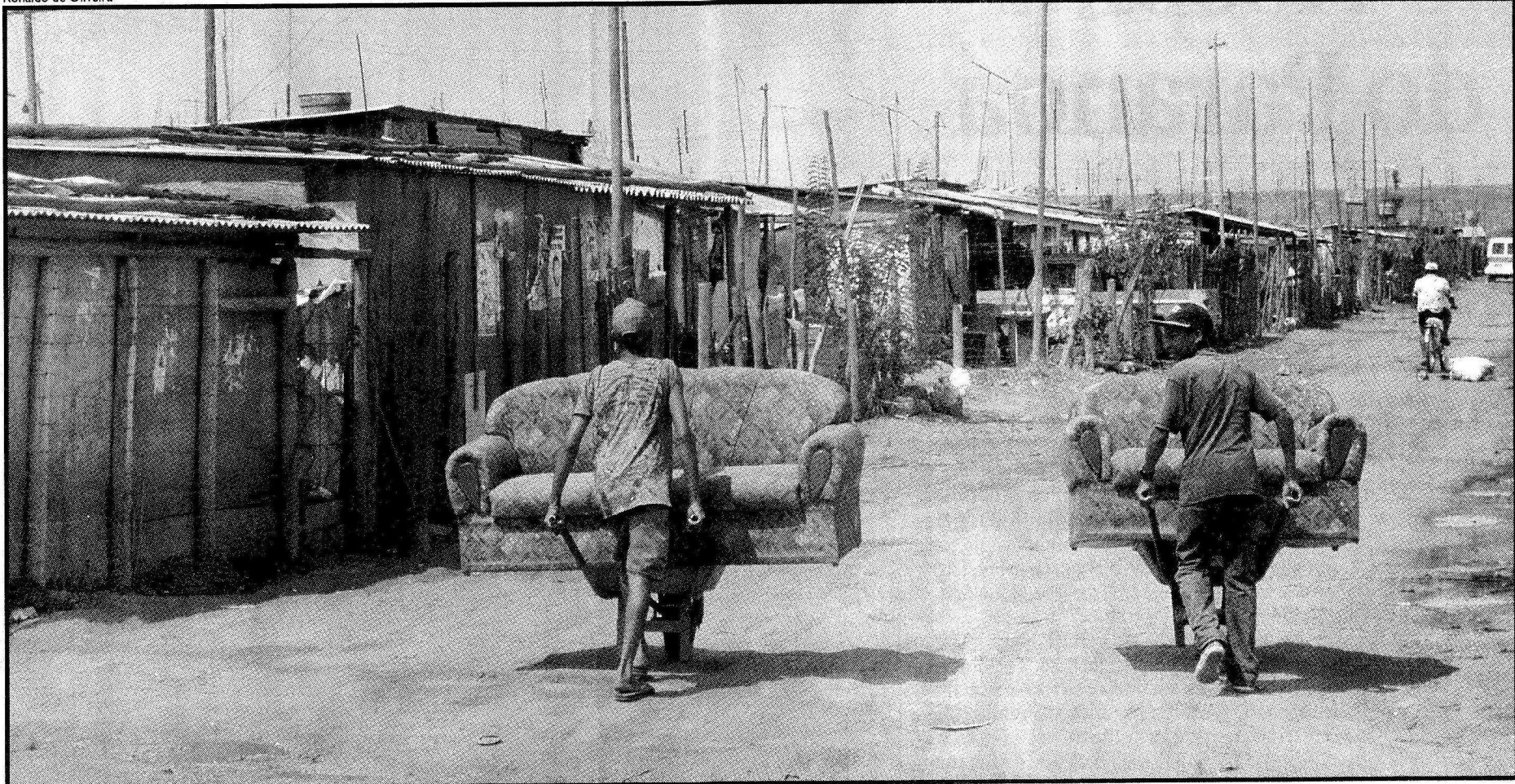




ABANDONO E VIOLÊNCIA

A Expansão da Vila São José, em Brazlândia, concentra 2.500 barracos com esgoto a céu aberto e parcial iluminação pública: violência preocupa mais do que luta para conseguir um lote

Chegar, invadir e esperar

Freddy Charlson
e Paola Lima
Da equipe do **Correio**

Esgoto a céu aberto. Moscas em todo canto. Cavalos soltos em vielas e currais. Crianças nuas em depósitos de lixo, fossas e cisternas. Banhos tomados e roupas lavadas no Córrego Taguatinga. Perigosas gambiarras. Essa realidade faz parte da vida do mineiro de Abaeté Francisco Alves da Silva, 45 anos, o *Chico Doido*, primeiro a chegar à invasão Saburo Onoyama, atrás da QSD 24, em Taguatinga Sul.

Foi há sete anos, quando deixou o interior de Minas para tentar a vida em Brasília. Mudou de mala e cuia para invasão, que hoje conta com 600 barracos de madeira e quase 2 mil moradores. Construiu um barraco de madeirite. E sobrevive catando latinhas e peças de alumínio nas ruas da cidade.

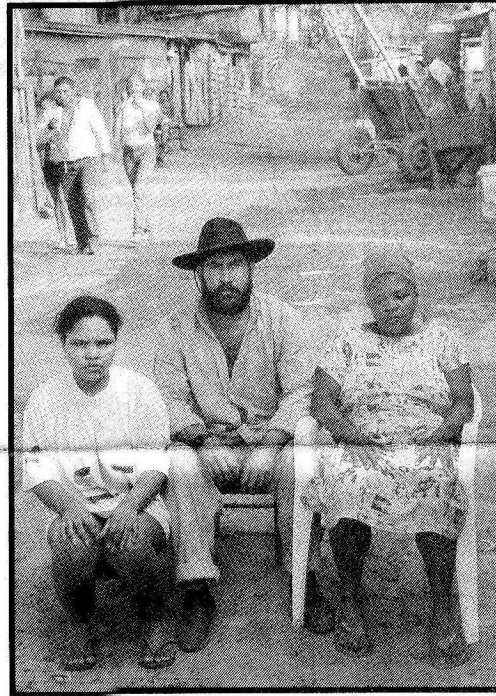
O tempo passou e a vida da família só tem piorado. Mas *Chico Doido* tem a explicação do

porquê de estar chegando ao limite. A cada dia a invasão recebe mais gente. E não há como controlar a invasão da invasão. Há vários esqueletos de barracos. Todos feitos com madeira tirada das próprias árvores próximas ao córrego. O desmatamento só aumenta. Assim como os casos de violência. Ou as dificuldades dos moradores. Água potável só no bicão perto do parque, a 1 quilômetro de distância. “É difícil agüentar isso aqui. Só com Jesus no coração”, diz Margarida, mulher do pioneiro da Saburo.

MUSEU DO SANGUE

Na Estrutural, uma construção em alvenaria anda rápido graças ao trabalho de quatro operários e um mestre-de-obras. Trabalhando o dia inteiro esperam concluir a obra de suas vidas, o *Museu do Sangue*, em dois meses. E apresentar ao mundo a luta de milhares de pessoas para regularizar uma terra invadida. A obra começou em julho e ficará encravada no centro da invasão. Na frente, uma velha caixa d’água de ferro retorcido —

Ronaldo de Oliveira



O PIONEIRO

Chico Doido e a família chegaram à invasão do Onoyama há sete anos: remoção é solução

lembrança dos conflitos com os policiais do Siv-Solo no governo passado — representa a luta das

aproximadamente 8 mil pessoas que moram em 3 mil barracos da Estrutural, criada há quase dez anos.

“Vamos tocando a construção do jeito que dá”, diz o mestre-de-obras Armando da Costa e Silva, 60. Adventista, quer construir um jardim de inverno no espaço que terá fotos, documentos e vídeos relacionados à invasão mais antiga do DF. O goiano de Trindade mora na Estrutural há quatro anos e comemora a chegada da energia elétrica, na semana passada, no seu barraco.

Aproveita a luz para ler a Bíblia. E rezar por dias melhores.

Dias melhores ainda estão

distantes para os moradores dos 2.500 barracos da Expansão da Vila São José, em Brazlândia. Para eles, a violência é maior até que a luta pelos lotes na invasão com seis quadras. Todas com esgoto a céu aberto e água com um carro-pipa que sempre atrasa. “Aqui virou um matadouro”, desabafa Francisca da Silva, 47 anos.

Assim como os demais invasores do DF, as 450 famílias que moram em uma área desocupada de Samambaia têm destino incerto. Gente como o ambulante Amaro da Conceição, 43 anos, que morava de aluguel no Recanto das Emas. A renda de R\$ 150,00 era insuficiente para a locação e o alimento dos três filhos. A solução foi levantar um barraco em uma área desocupada de Samambaia. No Natal do ano passado, junto com mais doze famílias, ele deu início à invasão da QR 519. “Vivemos com dificuldade, mas não temos muito opção”, conformou-se o pernambucano, que há 12 anos vive em Brasília.